



Modernidade ainda que tardia: Eneida Maria de Souza, Mário de Andrade e a literatura mineira

Modernity, Although Late: Eneida Maria de Souza, Mário de Andrade and Minas Gerais Literature

Roniere Silva Menezes

Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET–MG), Belo Horizonte, Minas Gerais/Brasil
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

roniere.menezes@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9490-9658>

Resumo: Neste trabalho, apresentaremos algumas reflexões de Eneida Maria de Souza a respeito do mapa literário modernista de Minas Gerais. Eneida contribuiu bastante para um maior conhecimento sobre as criações artístico-culturais do estado. O texto inicia-se com considerações presentes nos livros *Traço crítico*, *Narrativas impuras* e *Mário de Andrade: cartas aos mineiros*. Mário de Andrade revela-se importante interlocutor da pesquisadora. Realizaremos observações sobre ensaios de Eneida relativos a obras dos autores Pedro Nava (*Pedro Nava, o risco da memória*), Henriqueta Lisboa (*Correspondência Mário de Andrade & Henriqueta Lisboa*) e Autran Dourado (“Modernismo mineiro tardio e o cosmopolitismo”). Os estudos sobre a literatura mineira abrem-se a perspectivas teóricas contemporâneas e ocupam lugar privilegiado na produção da intelectual brasileira.

Palavras-chave: Eneida Maria de Souza; Mário de Andrade; literatura mineira; modernidade.

Abstract: In this work, we will present some reflections by Eneida Maria de Souza about the modernist literary map of Minas Gerais. Eneida contributed a lot to a greater knowledge about the artistic-cultural creations of the state. The text begins with considerations present in the books *Traço Crítico*, *Narrativas impuras* and *Mário de Andrade: cartas aos mineiros*. Mário de Andrade proves to be an important interlocutor for the researcher. We will make observations on essays by Eneida concerning works by authors such as Pedro Nava (*Pedro Nava, o risco da memória*), Henriqueta Lisboa (*Correspondência Mário de Andrade & Henriqueta Lisboa*) and Autran Dourado (“Modernismo mineiro tardio e o cosmopolitismo”). Studies on Minas Gerais literature open up to contemporary theoretical perspectives and occupy a privileged place in the production of Brazilian intellectuals.

Keywords: Eneida Maria de Souza; Mário de Andrade; Minas Gerais literature; modernity.

Espírito de Minas, me visita,
e sobre a confusão desta cidade,
onde voz e buzina se confundem,
lança teu claro raio ordenador.
(Carlos Drummond, 2015, p. 303)

Impurezas da crítica

Os textos de Eneida relativos à produção artístico-literária mineira, em grande medida tendo Belo Horizonte como cenário e personagem, contam frequentemente com a mediação de concepções modernistas, tendo à frente Mário de Andrade. No escritório de Eneida, situado em sua residência, na rua Benvinda de Carvalho, bairro Santo Antônio, em Belo Horizonte, entre obras de diversos campos do saber, situa-se uma das mais ricas bibliotecas de Teoria Literária e Literatura Comparada do país. No espaço, nota-se a forte presença de produções de Mário de Andrade e de escritores mineiros, além de trabalhos sobre os autores. Em um canto, situa-se bela pintura com a imagem de Mário, quadro de Márcio Sampaio; em uma das paredes, vemos grande cartaz da peça *Macunaíma*, dirigida por Antunes Filho. No espaço, há um boneco de cerâmica, de Mário, e outro de metal, de Carmen Miranda. Na estante da sala, há um pequeno quadro com reprodução de desenho de Di Cavalcanti sobre Mário. No mesmo móvel, notamos a presença de várias peças de artesanato de diversos lugares do mundo visitados pela intelectual. Em um dos quartos, há uma coleção de bonecos de pano, inclusive um imitando Mário, além de outro boneco de cerâmica com traços do autor. Na copa, em cima da cristaleira, situam-se dois papagaios de madeira, em homenagem a *Macunaíma*. Peças de muiraquitã estão presentes no escritório, na sala e em outros espaços da casa. Assim, Mário encontrou privilegiado lugar na morada e nas reflexões da pensadora mineira.

Quando pensamos nas publicações de Eneida Maria de Souza relativas à obra de Mário de Andrade, não podemos nos esquecer do fundamental *A pedra mágica do discurso*, livro decorrente da tese de doutorado defendida na Universidade de Paris VII, em 1982, sob orientação de Julia Kristeva e intitulada *Des mots, des langages et des jeux: une lecture de Macunaíma, de Mário de Andrade*. Importante também nos lembrarmos da curadoria da exposição realizada em 1993 – em parceria com o artista plástico Paulo

Schmidt – em homenagem ao centenário de nascimento do escritor paulista e intitulada *Mário de Andrade: carta aos mineiros*. A exposição fez parte das ações do 25º Festival de Inverno, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e esteve em cartaz na sala Manuel da Costa Athayde, no Museu da Inconfidência de Ouro Preto, e no Museu de Arte de Belo Horizonte, gerando, em 1997, livro homônimo.

Para exemplificarmos os devidos trabalhos elaborados por Eneida sobre a criação mineira – muitas vezes tendo reflexões estabelecidas por Mário de Andrade como contraponto – realizaremos comentários sobre alguns dos ensaios relativos ao assunto. A professora nos ensina, com esses textos, como articular leitura crítico-teórica a partir da meticulosidade conceitual, do cuidado com a linguagem e com o leitor, da criação de redes metafóricas, buscando vislumbrar o *corpus* de diversos ângulos. Entre seus embasados textos de teoria literária, literatura comparada, crítica cultural e biográfica, os mapeamentos realizados por Eneida sobre a literatura mineira contribuíram bastante para um melhor conhecimento e divulgação de obras de diversos autores do estado. Não se trata de bairrismo, regionalismo, apenas de foco em pesquisa. As linhas de fuga, os contatos com as diferenças, permearam as atividades da autora que sempre almejava estabelecer diálogos com produções e autores de vários campos artístico-intelectuais.

Em *Traço crítico*, Eneida lembra das quatro viagens realizadas por Mário de Andrade a Minas. A primeira ocorre em 1919, quando o poeta entra em contato com o simbolismo e o barroco colonial mineiro. Escreve crônica sobre o encontro com Alphonsus de Guimaraens e artigo sobre o Barroco e Aleijadinho. Em 1924, o escritor vem a Minas na chamada “viagem de descoberta do Brasil”, ao lado de Oswald de Andrade, D. Olívia Guedes Penteadado, Nonê – filho de Oswald –, René Thiollier e Godofredo da Silva Telles. O objetivo era apresentar cidades barrocas mineiras ao poeta franco-suíço Blaise Cendrars. Na ocasião, Mário conhece, em encontro ocorrido no Grande Hotel, que ficava onde hoje é o Edifício Arcângelo Maletta, no centro de Belo Horizonte, os jovens Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Almeida Martins e Pedro Nava. Em 1939, volta ao Estado, a convite do Diretório Central dos Estudantes para proferir palestras sobre literatura e música intituladas “O sequestro da dona ausente” e “Música de feitiçaria no Brasil”. Entre aqueles que foram receber o escritor na Estação Ferroviária, estavam Cyro dos Anjos e Guilhermino César. Os encontros aconteceram

no auditório do Conservatório de Música. Ao final das palestras, Mário lê o poema “Noturno de Belo Horizonte”, que será referido a seguir. No período, conhece Murilo Rubião, Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos, Henriqueta Lisboa, Alphonsus de Guimaraens Filho, entre outros. Em 1944, Mário retorna a Minas para rever amigos. Almoça nas casas de Henriqueta e de Alaíde Lisboa, visita a Escola Guignard, o túmulo de João Alphonsus e é levado por Antônio Joaquim de Almeida e Lúcia Machado de Almeida a conhecer Sabará. Veio, sem saber, despedir-se da cidade, do estado, de parceiros e parceiras de travessia. Iria falecer em fevereiro do ano seguinte, aos 51 anos.

Narrativas impuras, publicado pela Cepe Editora, em 2021, foi o último livro lançado em vida por Eneida. Nos textos, a ensaísta retoma pontos de seu percurso acadêmico, apresenta nomes que compõem seu repertório intelectual, propõe revisões críticas sobre o modernismo e traz agudas reflexões realizadas nas duas últimas décadas. Em entrevista à Cepe Editora, assinala Eneida, quando perguntada sobre a proposta de *Narrativas impuras*:

Na escolha dos artigos, a intenção foi reunir o que de mais representativo poderia justificar minha trajetória acadêmica, construída de forma coerente, embora pautada pela diversidade de interesses e motivada pela curiosidade intelectual. Na abordagem de obras de literatura ou de outra ordem, como correspondência, teoria e crítica, prevalece o enfoque biográfico, na relação metafórica produzida entre criação e vida. O gênero ensaístico preenche os requisitos desta categoria crítica, pelo aspecto experimental da linguagem, a liberdade em assumir o traço inacabado dos discursos, os quais incluem a estreita relação entre ficção e teoria. (SOUZA, 2021 apud MAAKAROUN, 2022)

Pensando no centenário da Semana de Arte Moderna, *Narrativas impuras* traz, na parte inicial, cinco ensaios sobre Mário de Andrade. Na entrevista à Editora Cepe, Eneida relata sentir-se muito próxima do empenho de Mário de Andrade “em valorizar a cultura popular em suas mais variadas formas” (SOUZA, 2021 apud MAAKAROUN, 2022). Nota-se, no trecho, um posicionamento que se revela ao mesmo tempo afetuoso e político em relação às criações de homens e mulheres comuns. As percepções dos dois

intelectuais aproximam-se, por exemplo, ao visarem desierarquizar saberes e a se abrirem a uma visão mais acolhedora em relação ao espaço sociocultural.

Literatura, vida, prazer e dispêndio

“Mário de Andrade, o empalhador de passarinho” abre o livro *Narrativas impuras*. No texto, a autora assinala diálogos existentes entre Roland Barthes e Mário de Andrade quanto à visão da escrita como sendo ligada ao prazer e não ao sofrimento. Situando a discussão em trabalhos de Rilke e Nietzsche, Eneida observa que o gesto criativo aparece, em Mário, de modo mais próximo ao gozo que ao parto. Após o instante de prazer, o autor voltaria ao texto para retrabalhá-lo de modo mais racional. Para a autora:

Se Roland Barthes incorporava o prazer do texto à análise literária, motivado pelo rompimento com princípios objetivos e racionalistas da crítica, Mário reunia, sem muito conflito, a técnica construtivista com o aspecto instintivo e prazeroso da arte (SOUZA, 2021, p. 14)

A passagem remete-nos ao texto “Cyro dos Anjos: a verdade está na Rua Erê”, publicado em *Janelas indiscretas*. Em determinado ponto, a pesquisadora lembra-se de que no capítulo 4, de *O amanuense Belmiro*, intitulado “Questão de obstetrícia”, Belmiro liga a criação literária à gravidez. A associação, ao reunir vida e literatura, pauta-se pela ideia da invenção como processo de transformação. Segundo Eneida,

Ao aceitar a metáfora feminina do parto, o amanuense se contrapõe à recusa de Mário de Andrade por essa metáfora, substituída pela imagem do orgasmo, que se vincula à sensação de prazer. A afirmação corresponde à teoria da criação artística em Mário, liberta do sofrimento e inscrita no júbilo, além da manifestação de virilidade no ato de criar. (SOUZA, 2011, p. 111)

Voltando ao ensaio “Mário de Andrade, o empalhador de passarinho”, ao estabelecer diálogo com a ideia de dispêndio, em Bataille, Eneida argumenta que para o autor paulista, “viver é gastar a vida”. Em “A noção de despesa”, Bataille considera dispêndio improdutivo aquele relacionado “ao desperdício e às manifestações que contêm um fim em si mesmo, como o luxo, as guerras, os cultos as artes.” (SOUZA, 2021, p. 21). Por outro lado, há as outras manifestações “que se prestam a reproduzir e a conservar

a vida, a acumular bens e a se guiar pela necessidade e não pelo prazer.” (SOUZA, 2021, p. 21). Em alguns de seus poemas, crônicas e artigos, Mário deixa claro seu interesse pela relação entre arte, vida e prazer existencial.

Imagens de Minas

O ensaio “Um turista nem tão aprendiz”, segundo texto de *Narrativas impuras*, aborda o livro *O turista aprendiz* e relaciona as viagens realizadas por Mário ao Norte, em 1927, e Nordeste, entre 1928 e 1929, à excursão feita às cidades históricas mineiras em 1924. A pesquisadora assinala que os deslocamentos feitos pelo poeta modernista a espaços distantes das grandes metrópoles brasileiras favorecem o estabelecimento de análises sobre a cultura popular, e mesmo o desenvolvimento da noção de modernidade nacional. Esta se consolidaria a partir do aprofundamento da percepção da diversidade cultural do país. A atividade de poeta etnógrafo encampada por Mário de Andrade oferece diálogos com os trabalhos desenvolvidos na França, nos anos 1920, denominadas por James Clifford como “etnografia surrealista”. Os franceses, assim como os modernistas brasileiros, atuavam com o propósito de questionar o eurocentrismo. A partir de reflexões estabelecidas por Clifford, Eneida lembra que, em Mário, a “cultura torna-se algo a ser coletado, mas de modo a perturbar e embaralhar as disposições tradicionais dos símbolos estabelecidos.” (SOUZA, 2021, p. 37).

Ao tratar da viagem da caravana paulista – tendo à frente Blaise Cendrars – a cidades barrocas mineiras, a autora observa que a “viagem de descoberta do Brasil” demonstra o interesse em situar o barroco como “substituto nacional da arte negra, do primitivismo eleito pelos franceses para a redefinição do moderno.” (SOUZA, 2021, p. 38-39).

A partir da viagem dos modernistas a cidades coloniais mineiras, os diálogos com as vanguardas internacionais passariam pelas obras artísticas existentes em Minas. Assim entram em relação o passado e a novidade, o barroco e o cubismo. No livro *Mário de Andrade: carta aos mineiros*, Eneida de Souza e Paulo Schmidt assinalam:

A visita da caravana às cidades históricas, além de traduzir o início de importante diálogo do Modernismo com a tradição e com a atividade dos novos escritores mineiros, sinaliza a futura criação, em 1937, do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, com a participação ativa de Mário de Andrade e dos intelectuais

de Minas, como Rodrigo de Mello Franco de Andrade. (SOUZA; SCHMIDT, 1997, p. 18)

Desenhos literários de Pedro Nava e crítica biográfica

Na viagem realizada a Minas pelos paulistas sobressaíam dois espaços distintos e complementares: as antigas cidades históricas e a jovem capital. Em *Pedro Nava, o risco da memória*, Eneida lembra-nos que em *Beira Mar*, Nava recria a cidade literária de Belo Horizonte pela mediação de Mário de Andrade. Da viagem a Minas, Mário deixou, de herança, além de desenhos e ensaio sobre Aleijadinho, o poema “Noturno de Belo Horizonte”, onde podemos ler:

Maravilha de milhares de brilhos vidrilhos,
Calma do noturno de Belo Horizonte...
O silencio fresco desfolhadas árvores
E orvalha o jardim só.
Larguezas.
Enormes coágulos de sombra.
(ANDRADE, 1987, p. 178)

O poema mariodeandradeano apresenta traços futuristas e cubistas e revela a capital mineira como catalisadora de uma nova ideia republicana. As ruas reúnem nomes de tribos indígenas, de rios, de estados brasileiros, de cidades interioranas mineiras, de políticos, aproximando-se da noção de desgeografização em que, de modo heterogêneo, um lugar reflete-se em outro eliminando regionalismos fechados e contribuindo para uma melhor ideia da totalidade do país, da convivência plural, sem receio das diferenças. As estrofes, como folhas de desenho, vão compondo o poema, intercalando temas. Nesse sentido, mesmo o texto sendo longo, algumas dessas estrofes dialogam bastante com os condensados poemas de Oswald presentes no livro *Pau-Brasil* que trazem clara influência de Blaise Cendrars. No centro de “Noturno de Belo Horizonte”, continuando o movimento estelar, Mário insere a narrativa oral intitulada “A serra do Rola-Moça”, combinando, assim, o novo com o velho, a modernidade com a tradição, bem ao gosto do projeto modernista que inclusive passaria a se modificar a partir da viagem de 1924. Mesmo com as críticas do poema ao projeto racionalista e positivista

da cidade, esta acabava por traduzir o desejo de associar projeto literário e urbano. O autor flagra, com sensibilidade moderna, lindas imagens da noite belo-horizontina. A cidade letrada, principalmente a rua da Bahia, onde Mário se hospedou com a caravana paulista, serviu de palco para o grupo Estrela, jovens estudantes, escritores e jornalistas, liderados por Drummond que se encontravam no Café Estrela, Bar do Ponto e na Livraria Francisco Alves.

Em *Pedro Nava, o risco da memória*, Eneida pontua a passagem do livro *Beira Mar* em que o memorialista apresenta a cidade filtrada pelo olhar de Mário de Andrade:

Seus óculos pareciam holofotes varrendo a noite de Belo Horizonte que ele povoava da maravilha de centenas milhares de brilhos vidrilhos entre coágulos de sombra rosas despencando das tapeçarias das folhagens braços cabindas da noite. [...] Era o *Nocturno de Bello Horizonte* descendo ali, à minha vista, à nossa vista sobre Mário de Andrade – “esmigalhadoramente” sobre Mário de Andrade – que o sentia cheirava via ouvia. (NAVA, 1978, p. 196)

O encontro entre Pedro Nava e Mário de Andrade, no Grande Hotel, em 1924, abre caminho para uma longa amizade entre os autores. Nava torna-se, inclusive, médico de Mário no período em que o paulista viveu no Rio de Janeiro, entre 1938 e 1941. As cartas enviadas por Mário a Nava foram publicadas no livro *O correspondente contumaz (1925-1944)*. O olhar poético de Mário sobre a cidade ajuda a aguçar a percepção dos jovens mineiros sobre o lugar onde viviam e sobre a linguagem poética moderna, assim como a perspectiva crítica de Eneida favorece avaliações mais detidas sobre as obras dos autores em estudo.

Na articulação do texto sobre Nava, a intelectual nota que ao desenvolver o perfil de Mário em *Beira-Mar*, o médico, desenhista, poeta e escritor irá trabalhar com o processo de associação, relacionando a imagem do paulista a retratos de Portinari, Segall, Flávio de Carvalho e Tarsila, isso além de fotos e mesmo de textos de Mário presentes em cartas: “Nesse procedimento de montagem da biografia de Mário, sobressai o componente subjetivo inserido pela versão de Nava, reveladora do aspecto sofredor e trágico manifestado nos últimos anos de vida do poeta.” (SOUZA, 2004, p. 81). Percebe-se na passagem o modo como a ensaísta traz para o texto

suas leituras teóricas, seu olhar atento aos processos de criação moderna e contemporânea baseados em colagens, montagens¹.

No desenvolvimento do trabalho sobre Nava, Eneida retoma novamente Mário devido à relação estabelecida por ela entre a fluidez dos desenhos, a leveza da escrita do memorialista e o artigo “Do desenho”, escrito pelo paulista e presente no livro *Aspectos das artes plásticas no Brasil* (Cf. ANDRADE, 1984, p. 65-71). No texto, Mário procura assinalar que esta arte revela-se mais aberta que a pintura ou a escultura. O desenho pode ser relacionado à escritura, à caligrafia, ao hieróglifo, à poesia, ao provérbio e mesmo a certa modalidade de sabedoria popular. Por situar-se entre a grafia e a imagem, possui mobilidade, possibilidade de ultrapassar fronteiras. Desse modo, os mapas desenhados por Nava ao estruturar suas narrativas passam do verossímil ao imaginável pela maneira peculiar de o memorialista estruturar sua criação:

Lutando contra a visão estreita da verdade positivista, do fato biográfico como despido de contradições, Nava acredita estar realizando um trabalho de memória que embaralha dados, inventa situações, por entender que a lembrança do tempo vivido é produto da fabricação da memória. (SOUZA, 2010, p. 91)

No ensaio intitulado “A propósito da crítica biográfica: Eneida Maria de Souza resgata lições de Borges”, Marília Rothier Cardoso, mesmo tratando dos estudos sobre o escritor argentino, colabora com este nosso trabalho ao mergulhar na potente linha investigativa inaugurada pela grande amiga:

Foi na arte borgiana da escrita que Eneida Souza encontrou fundamento e estímulo para ir ao encontro das propostas de Aby Warburg e Walter Benjamin, deslocando as práticas da crítica literária e da história da arte para um espaço investigativo de tempos superpostos e de confluência de dados antropológicos com arquivos de formas estéticas. (CARDOSO, 2015, p. 25)

Mais adiante, ao tratar diretamente da crítica biográfica, argumenta Marília:

¹ Cumpre lembrar que a pesquisadora organizou a edição crítica de *Beira-Mar*, de Pedro Nava, trabalho que deverá ser publicado em breve.

O lume e a graça das propostas teóricas apresentadas por Eneida Souza e da metodologia que ela vem experimentando resultam de sua escolha de “intercessores” – peculiares, anticonvencionais – no empreendimento da retomada renovadora da crítica biográfica. As ondas, onde sua escrita inventivo-crítico-conceitual deslizam, são as da arte pensante, à margem dos sistemas acadêmicos mas marcadas por idêntico rigor ao moverem a imaginação fantástica. (CARDOSO, 2015, p. 27)

Com elegante escrita, Rothier vai apontando as heranças, as conexões, as visões diferenciais que Eneida traz para seu objeto de trabalho. Este termina por revelar que o pensamento arguto, o estudo compenetrado não se separa de saberes e invenções populares, de vivências cotidianas. Desse modo, as reflexões da professora da UFMG abrem janelas para a percepção de porosidades muitas vezes existentes entre intimidade e ações públicas. Torna-se interessante notar a detida da observação de Marília ao demarcar a potência conceitual apreendida por Eneida com a literatura de Jorge Luís Borges. O escritor ilumina as elaborações textuais de crítica, ajudando-a a desenvolver suas precisas análises e a enxergar melhor o processo de criação literária. Como estamos ressaltando, ao lado de Borges, muitas das reflexões de Eneida têm em Mário de Andrade um parceiro com quem dialoga ao desenvolver suas críticas. Os conceitos surgem também das obras artístico-literárias avaliadas.

Poética das cartas: Mário e Henriqueta

Correspondência Mário de Andrade & Henriqueta Lisboa, organizado pela ensaísta e publicado em 2010, revela-se brilhante trabalho. O livro ganhou o Prêmio Jabuti em 2011. Um dado fundamental ressaltado pela crítica, no texto, é a força da amizade existente entre intelectuais, poetas e escritores:

A amizade literária pode ser entendida em sua dupla feição, ora ligada ao relacionamento afetivo entre escritores, ora imaginada por autores que buscam afinidades entre sua produção literária e a de seus contemporâneos, mesmo que não tenham trocado experiências. (SOUZA, 2010, p. 21)

Eneida assinala haver estreita analogia entre as amizades realizadas por meio epistolar, a noção de moderno e o projeto de nacionalização cultural. Estética e política caminham juntas no empreendimento permeado por laços afetivos.

Nas cartas trocadas entre Mário e Henriqueta percebe-se a intenção do autor em provocar a poeta a olhar para fora do espaço neo-simbolista, carregado de perspectiva universal e religiosa. O cotidiano e o humor poderiam contribuir como material literário e como modo de fuga do sofrimento lírico. Em 8 de junho de 1940, escreve Mário:

É preciso não esquecer que essa visão universal, essa transfiguração lírica do pessoal no humano não se dá apenas porque de um pecado eu faço a Culpa, de um namoro sofrido eu faço a Noiva Ausente e de uma gripe eu faço a Morte. A mesma transfiguração existe quando de uma topada eu faço a pedra no meio do caminho, de uma janela de nenhuma vista eu faço o Beco, do Manuel Bandeira, etc. (ANDRADE, 1940 apud SOUZA, 2010, p. 31)

Nas correspondências, nota-se que as posições de Mário não eram totalmente acatadas por Henriqueta. O mesmo acontecia com as trocas epistolares existentes entre o autor de *Macunaíma* e outros escritores mineiros. As cartas, as posturas críticas auxiliam nas reflexões e nas criações de ambos os *missivistas*, não demonstram domínio de um sobre o outro. Em resposta a uma carta em que Mário avalia o livro *O menino poeta*, de 1943, na qual trata do caráter universalista e moralizante presente na obra, Henriqueta firma sua posição de modo contundente dizendo sentir-se “criatura de Deus antes de tudo, muito antes de ser brasileira” (LISBOA, 1943 apud SOUZA, 2010, p. 32). Mário retoma a conversa em outra carta assinalando que a *missivista* não percebe a relação entre a atitude religiosa-universalista e o modo de ser conformista próprio das classes dominantes. Segundo Eneida: “O que, à primeira vista, soaria como atitude descompromissada, é devidamente colocado em seu lugar como expressão de conduta de determinado segmento social.” (SOUZA, 2010, p. 32). Desse modo, Mário tece os fios – que nos anos 1940 tornam-se bastante presentes em sua produção – entre poética e política.

Segundo a crítica de Manhuaçu, o autor de *Pauliceia desvairada* não percebia, inicialmente, que a pouca presença do Brasil refletido na poesia da amiga mineira revelava-se como uma das possíveis aberturas estético-

literárias do período em que aconteciam outras várias produções relacionadas à abstração e à diluição de figurativismos relacionados à temática nacional. Em defesa do projeto modernista, Mário terminava avaliando com ressalvas produções que fugiam a esse propósito. Para Eneida, a autora de *Flor da morte* soube bem reconhecer o lugar a ela reservado no espaço da literatura brasileira. “E Mário, certamente, entendeu a opção da poeta pelos temas do amor, da ausência e da morte, por reconhecer que se tratava de uma ‘concepção muito amadurecida de poesia’” (SOUZA, 2010, p. 34).

Nesse sentido, revela-se um importante traço da visão intelectual mariodeandradiana: a abertura para a diferença, a amizade com a alteridade radical. Mário termina por assinalar o lugar importante que a escrita da poeta cumpriria no desenvolvimento da literatura brasileira. Claro que as relações afetivas exerceram influência na alteração de posicionamento do escritor. Este passa a enxergar outras possibilidades de existência poética no país, além das ideias propagadas pelos modernistas.

Deve-se observar que, em 1942, Henriqueta envia a Mário uma série de poemas que iriam compor o livro *Madrinha lua*, publicado em 1952. Entre os textos aparecem “Romance de Aleijadinho”, “História de Chico-Rei” e “Poesia de Ouro Preto”. Em carta de 04 de fevereiro de 1942, a mineira pergunta ao paulista se ele recebeu os poemas. Em 24 de fevereiro do mesmo ano, o paulista escreve: “Os três poemas de Ouro Preto são [...] coisas das mais admiráveis” (ANDRADE, 1942 apud SOUZA, 2010, p. 197). Nota-se nos poemas traços figurativos, em claro diálogo com o projeto nacional modernista, inclusive pensando no interesse do movimento – a partir de certa fase – em valorizar o barroco mineiro. Mas a verve universalista continua a perpassar os textos. Provavelmente, a produção recebeu influência de Mário, Drummond ou Rodrigo Melo Franco, devido às intenções culturais do Ministério da Saúde e Educação Pública – chefiado por Gustavo Capanema – de valorizar o patrimônio artístico e cultural de Minas Gerais. Além de Henriqueta, Manuel Bandeira, Carlos Drummond, Murilo Mendes, Lúcia Machado de Almeida, entre outros, escreveram trabalhos relativos às cidades históricas mineiras, como Ouro Preto. Cabe ressaltar que o ano de publicação de *Madrinha lua* corresponde ao início do projeto de Cecília Meireles de composição de *O romanceiro da inconfidência*, publicado em 1953. Em “História de Chico-Rei”, de Henriqueta, podemos ler:

Das minas da Encardideira
mãos negras arrancam ouro.
Santa Efigênia padroeira
já tem igreja no morro.
(LISBOA, 1952, p. 12)

Em Cecília, aparece o poema “Romance VIII ou do Chico-Rei”, de onde extraímos a estrofe:

Olha a festa armada:
É vermelha e azul.
Canta e dança, agora, meu povo,
Livres somos todos!
Louvada a Virgem do Rosário,
Vestida de Luz.
(MEIRELES, 1989, p. 63)

Como sabemos, o livro de Meireles abrange várias passagens da conjuração mineira, por isso se apresenta mais longo e denso que o de Henriqueta. Mas cada uma contribui a seu modo com visões peculiares sobre a história de Minas e do Brasil. Devemos sublinhar que o texto de Cecília parece mais leve e festivo que o de Henriqueta ao tratar do rei africano que foi escravizado em Minas Gerais e depois libertou seu povo. Ambos, contudo, trazem reflexões histórico-culturais, riqueza poética e belas imagens.

Autran e as modernidades tardias

Assim como em *Narrativas impuras*, de 2021, em que Eneida retorna ao interlocutor Mário de Andrade, no texto intitulado “Modernismo tardio e o cosmopolitismo” – publicado em 2022, no livro *A literatura comparada no Brasil hoje*, organizado por Edgar César Nolasco – a pesquisadora volta a Autran Dourado. No ensaio, estabelece alguns diálogos entre a produção de Autran e de Murilo Rubião, pelo caráter não figurativo da escrita dos dois. Em seus procedimentos enunciativos, Autran apresenta, por exemplo, o monólogo interior e Rubião estabelece, com sua linguagem, forte desfiguração da realidade. Por isso, os autores, mesmo modernos, revelam facetas opostas a certos princípios modernistas defendidos por Mário. Autran foi o autor estudado por Eneida em sua dissertação de mestrado intitulada *A barca dos homens: a viagem e o rito*, defendida em 1975, na PUC-Rio. Nota-

se, no trabalho, entre várias outras referências, a forte presença de Claude Lévi-Strauss, antropólogo que auxilia imensamente o percurso crítico da pensadora. Assim como ocorre com outros teóricos, às vezes a referência não aparece diretamente, mas nota-se a influência do autor na escrita da ensaísta, na modulação da voz, na elaboração das reflexões. A mestre declarava, em conversas entre os pares, que o estruturalismo estaria na base de muitas inovações nos estudos literários ocorridas a partir da segunda metade do século XX. No capítulo “Os limites da propriedade literária”, do livro *A pedra mágica do discurso*, a autora assinala, após mencionar pensadores que forneceram instrumental analítico para a pesquisa, como Jaques Derrida, Roland Barthes, Antoine Compagnon e Paul Zumthor:

Não poderia deixar de mencionar a contribuição de Lévi-Strauss que, além de sua extrema importância para a compreensão da lógica indígena e dos mitos presentes em *Macunaíma*, é ainda o teórico que mais influência exerceu no raciocínio analítico utilizado neste trabalho. (SOUZA, 1999, p. 48)

No início de “Modernismo mineiro tardio e o cosmopolitismo”, Eneida escreve um parágrafo que – mesmo longo – vale a pena citar pois fortalece nossa linha argumentativa:

A literatura de Minas Gerais responde por princípios que não se pautam pelo pensamento provinciano, mas se solidificam pelo contato com a cultura estrangeira. O saber religioso trazido pela colonização portuguesa impulsiona a criação de igrejas e instituições na região, como o Caraça, além da futura proliferação de colégios e internatos. Esta educação humanista permitiu o convívio da cultura erudita com a local, do latim com o folclore, da racionalidade com a crença, o que resultou na mitologia do intelectual mineiro como dotado de singular formação. Embora inserido na tradição europeia, soube conservar traços particulares que o distinguiam da metrópole. O desenho dessa literatura local não guarda lastro identitário único, por resultar da mescla heterogênea de singularidades ligadas ao índio, ao branco, ao europeu e ao negro, o que comprova a genialidade de muitos de seus representantes. Essa literatura, com seu lastro erudito e popular, libertária, conservadora e progressista, revitaliza-se por meio do apelo contínuo de seus leitores. (SOUZA, 2022, p. 139)

Talvez podemos auscultar, nas avaliações da crítica, uma percepção da literatura mineira como devedora da arte barroca, com os seus jogos de contrário. Um importante traço presente em diversos estudos da educadora, nas últimas décadas, refere-se à noção de “modernidades tardias”. Em “Imagens da modernidade”, observa que a noção de “modernidades tardias” liga-se, inclusive, a leituras contemporâneas sobre construções artístico-literárias de meados do século XX: “Pensar o conceito de modernidade tardia é observar a superposição de temporalidades distintas, captar as vacilações do novo, reler a permanência e a mudança da tradição moderna” (SOUZA, 1998, p. 29-30). A produção artístico-literária mineira de meados do século XX, por exemplo de Autran Dourado e Murilo Rubião, relaciona-se contraditoriamente às ações modernizantes ocorridas em Belo Horizonte a partir do período em que JK atua como prefeito da cidade, de 1940 a 1946, desenvolvendo vários projetos urbanos e culturais. O conceito ajuda-nos a entender a forma mais lenta e espacializada de recepção da modernidade nas periferias do capitalismo. Para a autora:

No descompasso entre o caráter progressista e eufórico da modernização urbana verificada nos anos de 1940, em Belo Horizonte, inscreve-se a leitura alegórica de uma modernidade sempre adiada e em processo de reconstrução. A literatura, com sua capacidade de denúncia das contradições ideológicas abafadas pelo discurso modernizante, impõe-se como contraponto possível à reconfiguração da relação conflituosa entre arte e política. (SOUZA, 2021, p. 141)

Ao tratar da ficção de Autran, a estudiosa estabelece diálogos entre a produção literária do escritor mineiro e as propostas modernistas:

[...] sua ficção retomaria critérios estéticos modernistas, mas, ao mesmo tempo, é necessário ponderar, ela também se distanciaria da proposta nacionalista assumida por Mário de Andrade. O aspecto coloquial da linguagem, o emprego de expressões populares e ditos proverbiais reforçam o elo entre eles, ainda que esteja presente a exploração da estética barroca na produção de ambientes e na composição narrativa. (SOUZA, 2022, p. 143)

Além de objeto de estudo, Autran Dourado foi grande amigo de Eneida. Os estudos críticos realizados com dedicação, assim como as aulas, conferências, as orientações, os trabalhos coletivos na universidade, muito

constantemente transitavam para verdadeiras amizades que duravam para sempre. Nesse sentido, cumpre assinalar que Eneida, mesmo evitando sempre as auto-referências, as performances personalistas muito comuns na atualidade, foi extremamente respeitada pelos pares, pelos artistas, autores e intelectuais com quem conviveu. Sem contar as amizades que cultivou por toda a vida com colegas de infância e juventude de Manhuaçu. Autran Dourado dedica, à estudiosa, o conto “Os mínimos carapinas do nada”, presente no livro *Os melhores contos de Autran dourado* (Cf. DOURADO, 1997).

Cartógrafa mineira

Mário de Andrade colaborou bastante – como aparelho de ver-ouvir-sentir-pensar – para o caminho percorrido por Eneida Maria de Souza. A crítica mineira leva adiante a herança do pensador paulista, conjugando os aprendizados a outros estudos, reafirmando e mesmo questionando algumas posturas do poeta à luz da contemporaneidade. A multiplicidade de pontos de vista presentes nas análises realizadas pela professora não se desvia da clareza da linguagem e dos objetivos precisos de cada ensaio, cada livro, cada palestra. Ao avaliarmos o conjunto de estudos feitos por Eneida sobre a literatura mineira – dos quais trouxemos apenas breve amostra neste texto –, notamos certa preferência pela avaliação de textos em prosa – ainda que estudos sobre poetas, como Murilo Mendes, Henriqueta Lisboa e Carlos Drummond tenham sido realizados. Nesse sentido, torna-se importante lembrar do ótimo livro escrito pela autora ao lado de Marília Rothier Cardoso intitulado *Modernidade toda prosa* que traz ótimas análises, entre outras, de obras dos mineiros João Alphonsus, Cyro dos Anjos, Pedro Nava, Autran Dourado, Murilo Rubião, Lúcio Cardoso e Guimarães Rosa (Cf. SOUZA; CARDOSO, 2014). Parece que Eneida dedicou-se mais a avaliar letras de canções em trabalhos sobre Chico Buarque, Caetano Veloso e Carmen Miranda que a investigar poesias publicadas no suporte livro.

Neste trabalho, quisemos demonstrar, por meio de algumas passagens de extensa obra, a importância da professora emérita da UFMG como cartógrafa da literatura mineira. Os estudos sobre essa produção marcam-se pela ideia cosmopolita. Minas é o mundo. Como vimos, Mário de Andrade revela-se constante interlocutor nas reflexões. Os “mapas” elaborados pela autora associam-se aos de Jorge Luís Borges, pois trazem inteligência matemática e precisão linguística aliadas à imaginação ficcional. A crítica

mineira era dona de memória e inteligência preciosas. Lia autores de referência dando “sobrevivência” a suas ideias e mesmo “desconstruindo” algumas de suas posições. Conjugava distanciamento crítico e afeto pelos objetos tratados, oferecendo sempre, aos leitores, uma assinatura ímpar.

O trabalho com o conceito de memória, a pesquisa em arquivo e a produção sobre crítica biográfica não desconsideram os estudos que questionam a relação autor-obra, como os realizados por Michel Foucault e Roland Barthes nos anos 1960. Mas lê essas reflexões com lentes da atualidade, acrescentando novas visadas teóricas, sublinhando, inclusive, o conceito de biografema, pensado por Roland Barthes em outra fase, como sabemos. Deve-se acrescentar, nessa linha, publicações em que a estudiosa articula noções apresentadas por Mário de Andrade, como “traição da memória”, “arte do inacabado” e conceitos como os de arquivo e montagem trabalhados mais contemporaneamente por Jacques Derrida ou Georges Didi-Huberman – a partir de pesquisas de Aby Warburg. Podemos ainda vislumbrar, nos escritos da autora, textos que associam a noção de literatura em campo expandido à área de Literatura Comparada. Os ensaios sobre cordel, canção popular, fotografia, cinema, literatura etc. visam sempre a questionar os sistemas rígidos do pensamento, da ciência, do poder, a desfazer pilares eurocêtricos, distinções sociais, estéticas e culturais, a desconstruir ideias de origem, de cânone, de autoria autônoma. As diversas e profícuas criações da intelectual levaram os estudos literários e culturais brasileiros a novos patamares.

Eneida abria fronteiras conceituais, ampliava espaços artísticos-literários, teóricos e relações de amizade, mas sempre retornava aos textos fundadores, aos autores marcantes, retorno embasado no respeito a múltiplos saberes e experiências, no apreço às relações fraternas. Lançava-se às correntezas do tempo presente sabendo da importância dos portos seguros. Nos últimos anos, além de atuar como dedicada pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e do Acervo de Escritores Mineiros da UFMG, orientou alunos de Iniciação Científica e Pós-Graduação e, após período como professora do Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), voltou a lecionar no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG. Além disso, atuou – de modo entusiasmado – como uma das coordenadoras

do projeto *Minas Mundo: o cosmopolitismo na cultura brasileira*, ao lado de outros pesquisadores brasileiros e estrangeiros.

O caráter de doação, de entrega da ensaísta ao ofício acadêmico relaciona-se à noção de *charitas*, proposta por Mário de Andrade. Ao trabalhar com o conceito, a crítica assinala que, “considerada em termos mais abrangentes, a doação é, para o escritor, o entregar-se com paixão a tudo o que se faz, tanto no que diz respeito ao gesto artístico quanto ao da experiência.” (SOUZA, 1994, p. 9). O Acervo de Escritores Mineiros, criado e desenvolvido por ela ao lado de parceiros da Faculdade de Letras da UFMG, pode funcionar como símbolo da dedicação de vida inteira à causa da educação e da cultura. O espaço revela-se ancorado no desejo de preservação, reinvenção e divulgação da memória cultural do país, contribuindo para importantes pesquisas no campo literário. Assim como pensa Jacques Derrida, o “arquivo é uma questão de futuro” (DERRIDA, 2001, p. 50).

Eneida foi uma diplomata. Atuava abrindo caminhos aos mais jovens, aproximando gerações, propondo diálogos entre pesquisadores e entre instituições. A percepção transdisciplinar estava sempre presente em seus movimentos. A elegante, cult e desbravadora mulher dominava diversas teorias e pensamentos críticos. Foi exemplar no incessante interesse pelas artes, pela literatura, pelas novas invenções. Estava sempre sugerindo livros, filmes, CDs, espetáculos de dança, teatro, música aos amigos e amigas. Valorizava muito os pensadores e artistas brasileiros – os mineiros têm papel especial, mas não exclusivo nesse sentido – e apresentava imensa consideração pela sabedoria popular. O desejo de viver intensamente pode ser notado na resposta que sempre dava aos convites para ir a um espetáculo, a um restaurante, para iniciar um novo projeto, viajar. Aceitava-os sempre, dizendo: “Vamos!”. Seus escritos, seus ensinamentos são como cartas de arquivos abertos ao amanhã.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. Prece de mineiro no Rio. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova reunião: 23 livros de poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 303.

ANDRADE, Mário de. Do desenho. In: ANDRADE, Mário de. *Aspectos das artes plásticas no Brasil*. 3. ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1984. p. 65-71.

ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Edição crítica de Diléa Zanotto Manfio. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

CARDOSO, Marília Rothier. A propósito da crítica biográfica: Eneida Maria de Souza resgata lições de Borges. In: VERSIANI, Daniela Beccaccia (org.). *O eu se escreve o outro me escreve*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015. p. 23-33.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução de Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DOURADO, Autran. *Os melhores contos de Autran dourado*. Seleção de João Luiz Lafeté. 2. ed. São Paulo: Global Editora, 1997.

MAAKAROUN, Bertha. Ex-alunos e amigos homenageiam Eneida Maria de Souza. *Jornal Estado de Minas*, Belo Horizonte, 11 mar. 2022. Caderno Pensar, não paginado. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2022/03/11/interna_pensar,1351719/ex-alunos-e-amigos-homenageiam-eneida-maria-de-souza.shtml>. Acesso em: 11 mar. 2022.

MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

NAVA, Pedro. *Beira-mar*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. (Memórias, 4).

SOUZA, Eneida Maria de (org.). *Correspondência Mário de Andrade & Henriqueta Lisboa*. São Paulo: Editora Peirópolis; Edusp, 2010. (Coleção Correspondência de Mário de Andrade, 3).

SOUZA, Eneida Maria de (org.). *Modernidades tardias*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

SOUZA, Eneida Maria de. Carta aos mineiros. *Contexto*: Revista do Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, n. 3, p. 5-18, 1994.

SOUZA, Eneida Maria de. *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

SOUZA, Eneida Maria de. Modernismo mineiro tardio e o cosmopolitismo. In: NOLASCO, César Edgar (org.). *A literatura comparada no Brasil hoje*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022. p. 139-148.

SOUZA, Eneida Maria de. *Narrativas impuras*. Recife: Cepe Editora, 2021.

SOUZA, Eneida Maria de. *Pedro Nava, o risco da memória*. Juiz de Fora, MG: FUNALFA Edições, 2004.

SOUZA, Eneida Maria de. *Traço crítico*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1993.

SOUZA, Eneida Maria de; CARDOSO, Marília Rothier. *Modernidade toda prosa*. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2014.

SOUZA, Eneida Maria de; SCHMIDT, Paulo (org.). *Mário de Andrade: carta aos mineiros*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.